

## “O MUNDO É DIFERENTE DA PONTE PRA CÁ”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS MORROS DE FLORIANÓPOLIS

João Rodrigo Vedovato MARTINS<sup>1</sup>  
Rafael Rodrigo FERREIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente ensaio pretende-se desenvolver uma análise das representações sociais que a comunidade acadêmica, mais especificamente o corpo discente da Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis (UFSC), tem sobre os morros que se localizam ao redor do campus universitário, os quais são: Morro do Pantanal, Morro da Carvoeira e Serrinha, e da população que neles vivem.

**Palavras-chave:** Antropologia urbana. Favelas/Morros. Representações sociais. Universidade Federal de Santa Catarina.

### "THE WORLD IS DIFFERENT FROM THE BRIDGE TO HERE": SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT *FAVELAS* OF FLORIANÓPOLIS

**Abstract:** This essay is intended to develop an analysis of the social representations that the academic community, specifically the student body of the Federal University of Santa Catarina / Florianópolis (UFSC), has on the *favelas* that are located around the campus, which are: “Morro Pantanal”, “Morro da Carvoeira” and “Serrinha”, and their population.

**Keywords:** Urban anthropology. *Favelas*/Hills. Social representations. Federal University of Santa Catarina.

*Ô, vem com a minha cara e o din-din do seu pai  
Mas no rolê com nós cê não vai  
Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar  
Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu?  
Se é o crime ou o creme, se não deves não teme  
As perversa se ouriça, os inimigo treme  
E a neblina cobre a estrada de Itapecirica  
Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá zica!*

*Não adianta querer, tem que ser, tem que pá  
O mundo é diferente da ponte pra cá  
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar  
O mundo é diferente da ponte pra cá*

*Tem que ser, tem que pá  
O mundo é diferente da ponte pra cá*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Antropologia Social. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis - SC - Brasil. 88040-900 - jrvmppunk@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Letras. USP - Universidade de São Paulo. São Paulo - SP - Brasil. 05508-040 - rafael.rodriigo.ferreira@usp.br.

*Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar  
Ai, ai, ai  
Outra vez nós aqui, vai vendo  
Lavando o ódio embaixo do sereno  
Cada um no seu castelo, cada um na sua função  
Tudo junto, cada qual na sua solidão  
(BROWN, 2002)*

## **Morros em Florianópolis**

O conceito de morro desenvolvido neste ensaio está em concordância com o de periferia de Rolnick e Bonduki como “parcelas do território da cidade quem têm baixa renda diferencial” (1979, p.147). Esta perspectiva destaca o conceito a partir da obtenção de moradia popular, vinculada ao trabalho de populações de baixa renda. São processos de acesso diferencial à propriedade privada, destacando localização, condições físicas e investimentos aplicados. Esta formulação é crítica à ideia de definição de periferia tão somente em aspectos geográficos, de distância do centro. Durham também fornece uma leitura alinhada neste sentido

A população pobre está em toda a parte nas grandes cidades. Habita cortiços e casas de cômodos, apropria-se das zonas deterioradas e subsiste como enclaves nos interstícios dos bairros ricos. Mas há um lugar onde se concentra, um espaço que lhe é próprio e onde se constitui a expressão mais clara de seu modo de vida. É a chamada periferia. (DURHAM, 2005, p.86).

Estas formulações estão em coerência com o caso dos três morros explorados na investigação, sendo que ambos se localizam próximos à região central da cidade, em bairros nobres e elitizados, ao redor da Universidade Federal de Santa Catarina, e os seus habitantes apresentam condições sociais distintas dos moradores de áreas não periféricas –

Caminhamos para o entendimento do termo periferia a partir de seu viés social, de que a estratificação social é produtora da fragmentação do espaço [...] Desta forma, a periferia é aqui abordada não se referindo à distância física, mas também à social, em uma hierarquia de espaços e sujeitos. São processos alicerçados em aspectos ideológicos na construção da distância social. (GAMALHO; HEIDRICH, 2008, p.5).

Segundo Luís Pimenta e Margareth Pimenta (2004), após a Segunda Guerra Mundial até a década de 80, ocorreu em Florianópolis um processo acentuado de

verticalização da **periferização** da cidade, representando o estabelecimento de moradias em morros e, em um momento posterior, nas partes mais altas dos morros. A população residente em sua maioria, de acordo com ambos os autores, é oriunda de outros estados do sul do Brasil, sendo que as causas mais fortes do deslocamento são: a) crise industrial no Vale do Itajaí; b) busca de oportunidade de trabalho em setores de mão de obra não qualificada (construção civil, por exemplo). Nesse sentido:

Não dispondo de recursos suficientes para entrar no setor habitacional regularizado, quer pela aquisição, construção ou aluguel, são obrigados a procurar áreas residuais do espaço urbano, com custo comparativamente baixo de acesso a terra, quer se trate de ocupação direta, ou aquisição de ocupantes anteriores. De posse de um pequeno espaço, ainda que irregular do ponto de vista das legislações urbanísticas, viabilizam seu estar no espaço da cidade através da construção de moradia, que por muitos anos permanecerá precária, melhorando, na maioria das vezes lentamente, com a evolução da renda obtida pela família pela sua inserção no mercado de trabalho urbano. (PIMENTA, 2004, p.9).

No que tange a questões de distribuição de água e luz, em algumas localidades, dentro de morros, não há serviço das concessionárias, principalmente nas ocupações mais recentes e localizadas em pontos mais altos, por conta da aprovação de plano diretor que as classificou como sendo de preservação permanente, tornando-as, conseqüentemente, irregulares para receber serviços<sup>3</sup>.

### **Representações sociais dos morros de Florianópolis**

No final do mês de março de 2014, houve um conflito entre a comunidade acadêmica da UFSC, policiais federais (PF) e a tropa de choque. O conflito ocorreu durante uma ação comandada por delegados da PF com o intuito de investigar o uso e o comércio de drogas ilícitas no interior da universidade, sob a alegação de apreensão das drogas e prisão de possíveis traficantes.

Resumidamente, a ação era desenvolvida há meses por policiais federais à paisana e, no dia do episódio, estudantes foram abordados e detidos pela polícia. No momento em que foram conduzidos para o veículo oficial, o conflito ocorreu. Estudantes procuram barrar a saída dos veículos quando a tropa de choque é acionada.

---

<sup>3</sup> Florianópolis (2014a) e Frighetto (2013).

Polícia militar, estudantes, técnicos administrativos e professores se enfrentam dentro do campus. Em nota de repúdio, a reitora Roselane Neckel e sua vice, Lúcia Helena Martins Pacheco, discorrem que inúmeros estudantes, servidores e professores envolvidos neste acontecimento foram agredidos<sup>4</sup>. Após o fato, a reitoria foi ocupada, exigindo-se posicionamento da reitoria, e uma série de mobilizações foram programadas.

O interesse desta pesquisa e análise não está neste acontecimento, embora fosse meritório realizar uma análise da situação e das manifestações que vieram à tona com a ação; questionamentos acerca da legalidade ou não do empreendimento policial; da reação da comunidade acadêmica; e, em particular, os discursos referentes à(s) noções de violência veiculadas por todos os segmentos envolvidos de alguma forma na operação (estudantes, centros acadêmicos, instâncias burocráticas da universidade, polícia federal e militar, mídia, dentre outros). Entretanto, este não é o ponto. A questão a ser analisada esteve à margem desse processo, contudo, foi suscitada em diversos momentos após a ação policial. Trata-se das representações sociais que estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, ou parte deles, têm dos morros que circundam o campus e da população ali residente.

O entendimento de representações sociais está em acordo com Moscovici (1976) e Jodelet (1989) de que toda representação social é relacionada a um sujeito e objeto, no qual o primeiro é entendido como ator social, constituído por aspectos da experiência social, em contextos de interação, sendo que vários níveis da experiência social do sujeito devem ser relevados: lugar na estrutura social, inserção em grupos, identidade, locais onde se desdobram as interações, dentre outros. Jodelet diz que as representações sociais podem estar relacionadas a três campos de pertença: subjetividade; intersubjetividade; transubjetividade. A noção de subjetividade é trabalhada por Jodelet (2009) sob a orientação do que o sujeito se apropria e constrói sua representação, associando passivamente (influência ou pressão social) ou elaborando efetivamente. Além disso, salienta que a existência no mundo se dá por meio da experiência do corpo, sendo preciso, portanto, considerar fatores identitários e conformação social. Desta maneira:

As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos,

---

<sup>4</sup> Neckel e Pacheco (2014) e Confronto... (2014).

individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos [...] (JODELET, 2009, p.697).

A intersubjetividade concerne a situações de interação entre os sujeitos nas quais representações são feitas, por comunicação verbal, diálogo que constrói saber, acordos, clivagens, enfim termos significativos na experiência dos sujeitos que interagem. A relevância desta esfera é que “[...] esse tipo de troca é objeto privilegiado das intervenções que são destinadas a indivíduos que desejam modificar sua relação com a situação de vida em um contexto comunitário, ou de trabalho em um contexto organizacional.” (JODELET, 2009, p.698).

A terceira, a transubjetividade, perpassa a subjetividade e a intersubjetividade. Ela abrange indivíduos e grupos, interação e discursos. Faz menção ao que é comum a sujeitos de determinado grupo, propiciando a partilha de significados e constituindo cenário de compreensão. Remete também

[...] ao espaço social e público onde circulam as representações provenientes de fontes diversas: a difusão pelos meios de comunicação de massa, os contextos impostos pelos funcionamentos institucionais, as hegemonias ideológicas, etc. (JODELET, 2009, p.699).

Como foi dito, espaços deliberativos foram suscitados após a atuação da polícia na universidade, com a mobilização da ocupação da reitoria, assembleia, reuniões, atividades e debates que eram feitos pela comunidade acadêmica, majoritariamente pelo corpo discente, para refletir sobre os rumos do movimento. Nestes locais, em diversas ocasiões, havia um discurso estudantil que mantinha certa linearidade e homogeneidade no que tange à representação dos morros de Florianópolis. Frequentemente, o morro era associado à criminalidade, violência, tráfico e, amiúde, essas noções permaneciam indissociáveis. Como explicitou Alba Zaluar (1999, p.63), há estudos que “fazem a vinculação entre pobreza e criminalidade, como se não fosse problemática”.

A mesma autora diz, a respeito dos debates sobre crime e violência, “No Brasil, tomou um rumo muito marcado pela recente história política do país e o papel que nela tiveram os intelectuais que trabalhavam na universidade e organizações não-governamentais.” (ZALUAR, 1999, p.13) e também da conjuntura política e social da redemocratização pela qual o Brasil passou e sobre “as formas de controle democrático

da criminalidade” (ZALUAR, 1999, p.18).

Zaluar (1999, p.28) pensa e define violência como emprego de força que “[...] ultrapassa um limite ou perturba acordo tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica.”, mas também argumenta que não é possível “definir substancialmente a violência como positiva e boa, ou como destrutiva e má”. Contudo, a autora mantém uma visão contratualista da sociedade, concebendo a violência como ruptura de um contrato social, na qual a sociedade deveria ser normativamente harmoniosa e onde a violência não poderia ser positivante ou produtiva de sujeitos. No entanto, partilha-se de outra concepção de violência e/ou conflito, por exemplo, a noção trabalhada por Simmel

A sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis. Mas essas discordâncias não são absolutamente meras deficiências sociológicas ou exemplos negativos. Sociedade definidas, verdadeiras, não resultam apenas das forças sociais positivas e apenas na medida em que aqueles fatores negativos não atrapalhem. Esta concepção comum é bem superficial: a sociedade, tal como a conhecemos, é o resultado de ambas as categorias de interação, que se manifestam desse modo como inteiramente positivas. (SIMMEL, 1983, p.123).

Durante a primeira assembleia aberta após a ocupação da reitoria da universidade, uma estudante da universidade e militante de um partido de esquerda se pronuncia publicamente com a seguinte frase: “Nós precisamos de mais bolsas de permanência estudantil, principalmente expansão da residência estudantil, porque os estudantes sem condições financeiras precisam subir os morros violentos e perigosos à noite para voltar para casa, correndo o risco de serem assaltados.” e outro estudante ratifica a primeira fala: “Quem não tem condições vai morar no morro, correr risco de vida por causa da violência, do tráfico! Precisamos de uma universidade mais acessível.”

Zaluar, ao fazer um panorama histórico, teórico-epistemológico dos estudos sobre crime e violência mostra que há perspectivas – como a teoria sociológica americana, por exemplo – que defendem que o crime surge dos grupos localizados nas periferias dos centros urbanos, expostos à pobreza, falta de coesão social, sob o qual a criminalidade seria uma reação, caracterizando uma relação causal entre pobreza, marginalidade e crime. A autora critica este modelo, dizendo ser reducionista e utilitarista, pois este uniformiza desejos e aspirações de distintos indivíduos. Além disso, ela refuta a hipótese de que os pobres são criminosos porque, não tendo acesso ao

mercado qualificado de trabalho, não conseguiriam acessar os bens de consumo socialmente valorizados

Afirmar a associação entre pobreza e criminalidade, pobreza e violência, leva a um claro viés que reforça a discriminação contra os pobres, tanto nas instituições encarregadas de reprimir o comportamento considerado criminoso, quando no imaginário da população em geral. (ZALUAR, 1999, p.65).

A categoria violência é predominantemente utilizada por diversos autores e em plurais contextos para designar uma ruptura de relação com carga negativa. Rifiotis (2008, p.1) revela que

Os discursos que se identificam com a modernidade têm na violência uma 'parte maldita', a marca de um passado – remoto, ou mesmo primordial -, uma 'sobrevivência, como diriam os evolucionistas para sublinharem que seu único sentido seria o de ser um elo da cadeia que nos prende ao passado. Nestes discursos a violência é representada como arcaica e exterior. Ela é apresentada como uma parte estrangeira da experiência social, uma ameaça ao consenso, um 'arcaísmo social' a ser eliminado. Assim, a erupção de situações de violência é concebida como ruptura, provocada por um elemento não integrado, sempre surpreendente e fora de tempo e lugar.

A proposta do autor acima citado caminha no sentido de suspender temporariamente a noção de violência para analisá-la. Rifiotis não nega a violência como fenômeno, mas procura refletir sobre a pluralidade de situações em que esta noção é empregada, criticando o uso homogeneizante e generalista do termo, que, muitas vezes, ofusca a compreensão dos fatos, apagando a variabilidade de situações e contextos.

Andréia Titon e Andréa Zanella, nesse sentido, proferem que a violência pode ser interpretada como modos de subjetivação na cidade (2008), de acordo com a pesquisa por elas realizada no Morro do Maçico da Cruz, localizado na região central da capital do Estado de Santa Catarina.<sup>5</sup>

Durante as entrevistas e com a metodologia de grupo focal, outro elemento desabrocha nos discursos e representações intersubjetivas e transubjetivas acerca da população que habita os três morros em questão. Todos os entrevistados não eram moradores de morros na cidade de Florianópolis. Tanto nas entrevistas quanto na

---

<sup>5</sup>Florianópolis (2014b).

dinâmica do grupo focal se referiram aos morros como espaço de violência, tráfico, pobreza e criminalidade, com as seguintes sentenças:

Sempre me falam dos morros como lugar de violência, assalto, drogas”; “Como intercambista, eu não sabia nada sobre os morros, mas a dona do apartamento que alugo sempre me avisava para não passar perto e nem entrar nos morros porque eu seria assaltada”; “No morro vivem as pessoas que não tem acesso a emprego, desempregadas elas tem que roubar para sobreviver”, “São pessoas boas, mas sem condições vão para o mundo das drogas, tráficos, roubos”. Neste sentido “ela [a violência] está sempre alhures, no outro. O desconhecido é uma espécie de catalisador dos medos que se alimenta nos discursos alarmista sobre violência. (RIFIOTIS, 2008, p.6).

Homi Bhabha sustenta que o estranhamento é fundamental para constituição da identidade, posto que é no desejo de conhecer o outro que se dá o reconhecimento de si e de outras identidades.

O outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial - cultural ou psíquica - que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica e histórica (BHABHA, 2013).

O reconhecimento do outro como violento implica não se assumir e identificar como violento, isto é, a identidade de universitário e/ou estudante é construída a partir do antagonismo e oposição com a identidade dos moradores dos morros e suas derivadas associações - “Violência também poderia ser pensada nos aspectos que fazem dela um elemento instaurador de identidades locais (étnicas, culturais, etc.) e da construção de subjetividades através do processo de socialização.” (RIFIOTIS, 2008, p.8).

Retomando as falas proferidas nos espaços de deliberação estudantil, após o conflito com a polícia federal e militar, em uma assembléia, um estudante corrobora aquela colocação ao atestar que “A polícia tem que pegar traficante no morro, aqui na universidade num tem isso, somos todos estudantes” e outro universitário diz “Polícia tem que prender bandido, não estudante”. Ao que parece, em uma ponderação preliminar, talvez precipitada, o conflito entre setores da comunidade acadêmica e segmentos da polícia militar e federal instaurou e produziu nitidamente a divisão em o que é ser estudante e o que é ser morador de morro, de quem deve ser encarado como questão de polícia e quem não, em qual localidade uma ação policial desse caráter poderia ser aceita e tida como legítima e onde não.

Isso demonstra que há uma economia moral (FASSIN, 2010) em jogo, porque, com a visibilidade nacional do evento no interior da UFSC, várias falas foram acionadas e dirigidas a qual setor, população ou sujeitos, a polícia deveria se preocupar, no caso, com moradores de locais periféricos. Esta economia moral hierarquiza quem pode possuir direitos e quem não, colocando a categoria de estudantes universitários dentro de uma chave moral na qual aquele tipo de ação policial é inaceitável, há uma auto-modelagem na qual estes estudantes se constroem enquanto seres morais em antagonismo com moradores de morros. Isto é, expõe Didier Fassin (2009, p.57) “É também uma questão de modo concreto no qual indivíduos e grupos são tratados, em nome de quais princípios e de qual moral, implicando em quais tipos de inequidades e sub-reconhecimentos.”

Ainda a respeito da violência, sobressaíram falas de que, por um lado, declararam ser necessário investir mais no aparelho repressivo policial e, de outro, declarações vagas e abstratas de que é necessário investir no lado social, o que quer que isso signifique: “A violência só vai acabar quando o governo botar mais policiamento nas favelas e morros”; “É preciso que o governo invista na formação policial com melhores salários, os policiais sendo valorizados irão agir para acabar com a violência nos morros, sem se deixarem corromper e cuidando das pessoas de bem”; “A violência no morro só vai acabar quando investirem no social, tirando a população da situação de miséria”; “As pessoas só entram no tráfico porque não tem oportunidades para outras coisas, aí do tráfico vão para o crime, assaltar, é uma escadinha”.

As avaliações condizentes com a primeira declaração, de intensificação da repressão policial nos morros com o objetivo de acabar com a violência, carregavam a associação direta, como foi mencionado, entre morro – pobreza – tráfico – violência (não necessariamente nesta ordem), na qual havia o pressuposto de que moradores de morro estariam despojados de direitos (FELTRAN, 2010). Gabriel Feltran faz um debate pertinente sobre a noção de fronteira como meio de demarcação dos contrastes das margens da política, denotando distinção e simultaneamente agência de fluxos.

### **Considerações finais**

Rifiotis (2008) faz uma genealogia sobre os discursos da violência no âmbito das ciências humanas, demonstrando como a concepção de violência e conflito está intimamente conectada com a pressuposição de ruptura do social, da comunicação e que

as análises estavam presas a um significante vazio, onde impera o não dito - “Há outra maneira de pensar a violência para além do círculo de sua negatividade e do campo da criminalidade?” (RIFIOTIS, 2008, p.7). O autor defende, por consequência, a suspensão da violência como dado, propondo um horizonte que enxergue a violência como algo produtivo, constituidor, estruturante, como significante flexível comportando significados. Para tanto, se faz urgente romper com o caráter denunciatório dos estudos sobre violência e verificar as práticas e discursos em jogo nesse campo de disputa, tanto acadêmico quanto da agenda social.

A abordagem das representações sociais permite pensar a agência de sujeitos. Essa retomada de orientação teórica foi classificada de “retorno do sujeito”, contribuindo para discussões na área da antropologia, relevando a complexa relação presente no pensamento “sujeito-outro-objeto” (MOSCOVICI, 1976) e pode-se

Entrever algumas relações que o sujeito mantém com as representações, produtos e cristalizações de sentido que ele confere a seu universo de vida, ou interiorizações das imposições sociais que o constituem, mediações da expressão de suas identidades. (JODELET, 2009, p.705).

Outrossim, há de se fazer uma análise desse campo aberto dos estudos de violência na sua intersecção com as questões de pobreza e criminalidade, se desvencilhando de fantasmas e pressupostos, problematizando pré-noções, ouvindo sujeitos, observando os variados processos com suas peculiaridades, enfim é crucial abrir essa caixa chamada violência para conseguirmos ampliar nosso alcance teórico e epistemológico.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

BROWN, M. Da ponte pra cá. In: RACIONAIS. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Unimar Music, p2002. 1 CD. Faixa 10.

CONFRONTO entre estudantes e policiais transforma UFSC em campo de guerra. **Diário Catarinense**, Santa Catarina, 26 mar. 2014. Segurança, Notícias. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/policia/noticia/2014/03/confronto-entre-estudantes-e-policiais-transforma-ufsc-em-campo-de-guerra-4456527.html>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac Naif. 2005.

FASSIN, D. **La rasion humanitaire**: une histoire mora du temps présent. Paris: Gallimard: Seuil. 2010.

\_\_\_\_\_. Another politics of life is possible. **Theory, Culture, Society**, Los Angeles, v.26, n.5, p.44-60, 2009.

FELTRAN, G. de S. **Margens da política, fronteiras da violência**: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. São Paulo: Lua Nova, 2010.

FLORIANOPÓLIS. Prefeitura. **Áreas de preservação**: áreas de preservação permanente. Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/floram/index.php?cms=areas+de+preservacao&menu=0>>. Acesso em: 6 nov. 2014a.

FLORIANOPÓLIS. Prefeitura. **Projeto maciço do Morro da Cruz**: dados sobre o projeto. Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/habitacao/index.php?cms=projeto+macico+do+morro+da+cruz&menu=0>>. Acesso em: 7 nov. 2014b.

FRIGHETTO, M. Plano diretor aprovado na câmara de vereadores em Florianópolis tem menos áreas de preservação. **Notícias do Dia**, 31 dez. 2013. Notícias. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/131579-plano-diretor-aprovado-na-camara-de-vereadores-em-florianopolis-tem-menos-areas-de-preservacao.html>>. Acesso em: 7 nov. 2014.

GAMALHO, N. P.; HEIDRICH, Á. L. Periferia: a produção do espaço e representações sociais no/do bairro restinga - Porto Alegre/RS. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v.2, n.2, jul. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22077/12840>>. Acesso em: 9 nov. 2014.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.24, n.3, p.679-712, 2009.

\_\_\_\_\_. Représentations sociale: un domaine en expansion. In: MOSCOVICI, S. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989. p.51-137.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1976.

NECKEL, R.; PACHECO, L. H. M. Nota de repúdio. **Notícias da UFSC**, Florianópolis, 25 mar. 2014. Disponível em: <<http://noticias.ufsc.br/2014/03/nota-de-repudio/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

PIMENTA, L. F.; PIMENTA, M. de C. A. Final de século e novos espaços de pobreza: os morros de Florianópolis. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., 2004, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_365.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_365.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2014.

RIFIOTIS, T. Violência e poder: avesso do avesso? In: NOBRE, R. F. **O poder no pensamento social: dissonâncias do mesmo tema**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008. p.157-173.

ROLNICK, R.; BONDUKI, N. Periferias. **Cadernos de Pesquisa Prodeur**, São Paulo, n.2, p.52-87, 1979.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-134.

TITON, A. P.; ZANELLA, A. V. A (in)visibilidade da violência urbana em imagens da(s) cidade(s) de Florianópolis/SC. In: CORPOCIDADE - Debates em Estética Urbana, 1., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2008. p.12-31.

ZALUAR, A. Violência e crime. In: MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira: Antropologia (1970-1995)**. São Paulo; Brasília: Sumaré, 1999. p.13-107.